

INVESTIGAÇÃO/CIENCIA/REUNIÃO

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA Mário Soares a cientistas nacionais e estrangeiros

Desenvolver a tecnologia é desígnio nacional

O Presidente da República considerou ontem em Lisboa que o desenvolvimento científico e tecnológico é «um autêntico desígnio nacional que não pode ser partidarizado, devendo ser objecto de um amplo consenso nacional.»

Mário Soares falava na abertura das Primeiras Jornadas Nacionais de Investigação Científica e Tecnológica, que reúnem no Fórum Picoas, até sexta-feira, mais de mil técnicos e cientistas portugueses e estrangeiros.

Os cientistas portugueses — sublinhou Mário Soares — «são os novos descobridores que restituirão o mundo a Portugal e Portugal ao mundo».

«É urgente mobilizar, para tanto, os recursos humanos e materiais do País», disse.

Mário Soares considerou as presentes jornadas um acontecimento «de capital importância no meio português, prenunciando uma nova era da nossa vida cultural, plena de consequências para o futuro».

Esta reunião magna da comunidade científica portuguesa representa, segundo Mário Soares, «um sinal seguro das transformações que estão a operar-se entre nós, em função da mudança das mentalidades, da abertura ao exterior e da preocupação de acertar o passo com o que de mais inovador ocorre nos centros científicos e tecnológicos estrangeiros».

O desenvolvimento científico e tecnológico constitui «um projecto nacional e o grande desafio do nosso tempo», disse. «Se formos capazes de o vencer — adiantou — ganharemos, em uma ou duas gerações, o que perdemos em muitas décadas de paralisia, de indiferença e de dogmatismo».

Mário Soares referiu que a comunidade científica portuguesa «não teme comparação com a dos países mais desenvolvidos» porque, adiantou, lhes «sobra, não raro, o esforço individual, a imaginação e a ousadia com que supre, tantas vezes, a falta de condições de base».

O Presidente da República defendeu a plena inserção no espaço científico e tecnológico europeu e a participação dos nossos cientistas em projectos comunitários como o Eureka.

José Mariano Gago, presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, organismo que promove as Jornadas, afirmou, por seu turno, que o lançamento do primeiro programa mobilizador da investigação científica e tecnológica — o grande tema do encontro — «é um imperativo nacional e apela para a construção de consensos e para a mobilização de vontades e recursos».

«Para a ciência portuguesa, esta é uma época de grande mudança e de momento decisivo do desafio para as gerações que acreditam na capacidade de vencer e de realizar um ideal de modernidade científica», afirmou.

«O desenvolvimento da ciência em Portugal traz consigo



Recorde-se que, não obstante a verba atribuída à JNICT para investigação científica ter sido multiplicada por 20 nos últimos dois anos, esse esforço financeiro não foi técnico em todos os sectores, continuando a despesa global de investigação a representar apenas 0,4 por cento do produto interno bruto.

Os debates, abertos ao público, sobre áreas científicas para as quais há propostas de programas dinamizadores começaram ontem à tarde no Fórum Picoas, versando os temas da energia e das ciências e tecnologias do mar.

AUSÊNCIAS DE INDUSTRIAIS

A fraca presença de industriais no primeiro debate sobre energia, contrastando com a participação de «grande número deles» no dedicado às ciências do mar, foi considerada uma «circunstância espantosa» por organizadores das primeiras Jornadas Nacionais de Ciência e Tecnologia.



um ideal de esperança, de criatividade e de rigor, de enraizamento nacional e de abertura ao mundo», sublinhou.

Na sua intervenção, este físico de 38 anos, especializado em partículas elementares, notou, no entanto, que «são ainda dramaticamente insuficientes os recursos humanos para a investigação de que o País carece».

Calcula-se que Portugal tenha actualmente apenas um sexto dos cientistas que deveria ter.

«É ainda diminuto, cronometricamente diminuto, o investimento financeiro que o País consente em matéria de investigação e desenvolvimento experimental — quando esse investimento, em pessoas, em instrumentos científicos, em oficinas e bibliotecas especializadas, é a base essencial para o desenvolvimento e criação de riquezas futuras e condição decisiva para um País moderno e culto», advertiu o responsável pelo organismo coordenador da política científica em Portugal.

Após referir que são cientistas jovens quem sobretudo trabalha nos sectores mais dinâmicos, Mariano Gago reafirmou que «são estes o verdadeiro motor da ciência portuguesa».

«Uma pleiade de cientistas portugueses emergiu, apostada na vitória de um Portugal moderno e criativo», disse.

Este tema foi retomado na intervenção do ministro do Plano e da Administração do Território, Valentim de Oliveira, que comparou o actual momento vivido na comunidade científica nacional com o movimento cultural madrileno denominado «La Movida».

«Suponho não exagerar dizendo que em Portugal também estamos todos a viver a nossa «movida», tendo o subconsciente colectivo nacional orientado para a ciência e a tecnologia essa onda optimista e dinâmica em que a alegria de fazer coisas adquire uma dimensão social de relevo».

Valente de Oliveira defendeu uma avaliação cuidada dos resultados dos investimentos na investigação e que seja privilegiada, no futuro, a investigação aplicada nas empresas, ou por conta delas.

«No futuro insistiremos com as instituições de investigação para que encontrem, por sistema, «sócios empresariais» para as linhas de investigação aplicada que levarem a cabo».

No campo das ciências do mar, disse ontem um dos coordenadores desta área, Luís Saldanha (INIP) «os pontos de interrogação são em maior número que as certezas», circunstância que por exemplo se traduz na falta de informações suficientes sobre os «stocks» e comportamento de espécies tão comuns na alimentação portuguesa como a sardinha, a pescada e o carapau.

A formação de quadros científicos é neste sector consideranda fundamental. Uma das propostas debatidas apontou para a criação de um «instituto das ciências do mar, que possa ser um centro de ensino por excelência, onde as pessoas mais capazes possam fazer os seus cursos para termos muito rapidamente os técnicos e docentes de que precisamos».

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Investigação científica - jornadas

